



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
≡ RITA ≡

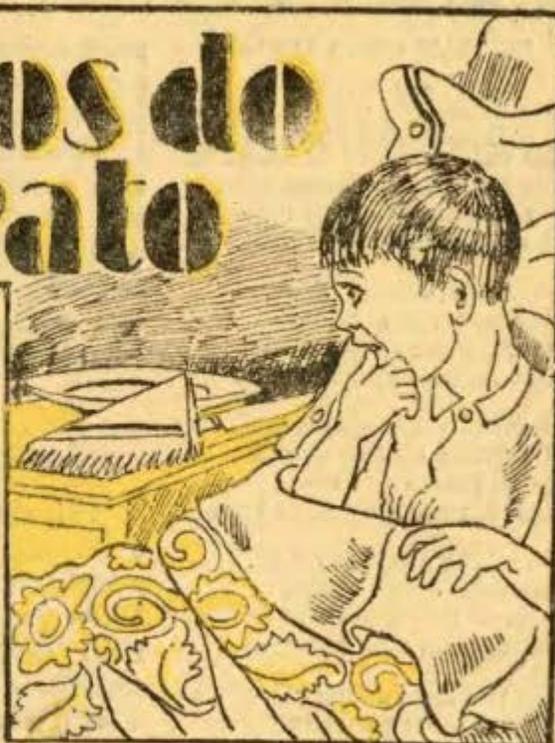
# Os queijos do Zeca e o rato

Por «ZÉ DA ALDEIA»

CLASSIFICADO DA SERIE C

Fazia anos o menino Zeca,  
Que morou sempre na rua d'Arroios,  
E é ladino, levado da breca,  
E é perdido por queijos saloios.

E a mãezinha, para o prender,  
Como sabia quais os seus desejos,  
Deu, nêsse dia, um grande jantar,  
Com sobremêsa de doces e queijos.



Foi uma festa para o nosso Zeca.  
Que comeu queijos até se fartar!  
E quando à noite chegou 'a soneca  
Disse à mãezinha, já a bocéjar:

— Dá-me dois queijos para, de manhã,  
Comer à hora do meu despertar.  
Logo buscá-los foi sua mamã,  
Deu as boas-noites e foi-se deitar.

Junto da cama os deixou num prato  
E mais um pão, faca e guardanapo.  
Mas alta noite foi ao quarto um rato,  
Cheira-lhe a queijô e mete-os no papo...

Ao acordar, vendo-se roubado,  
Lembra o provérbio que deveis saber:  
Bem guardado está o bocado  
Mas para aquele que o há-de comer!...

# MALDADE CASTIGADA

Por JULIA AVELAR MACHADO

(DA SÉRIE A)



## LÉLITA

Por FELIZ COSTA VENTURA

(Da série B)

Na cadeira, ao pé da mesa,  
Está a linda avózinha!  
Vai dobando os seus novelos  
E olhando a linda nêtinha.

«Ouve lá, minha Lélita,  
Diz lá, à tua avózinha,  
Quem é que comeu o bólo  
Que estava na travessinha?»

E então a avó afagando  
Os lindos cabelos de ouro,  
Sorri para a sua neta  
Que é, no mundo, o seu tesouro!

— « Avózinha, não fui eu!  
Só se foi o meu tareco,  
Aquele que inda outro dia  
Esfarrapou meu boneco.

Eu vi-o lá na despensa,  
Em cima da prateleira!  
Não sei por onde subiu,  
Só se foi pela cadeira!»

— « Não, Lélita! E' muito feio  
(diz a avózinha a ralar)  
A menina não devia  
Vir o tareco acusar!»

«Oh!, avózinha, perdôa!  
(diz a Lélita a chorar) —  
Não foi Tareco, fui eu  
Que o bólo lá fui buscar!»

— « Não tornes Lélita, não,  
Inocentes a acusar?!  
Porque é um grande pecado  
Que se não pode perdoar!

Então a avó afagando  
Os lindos cabelos d'ouro,  
Sorri para a sua neta  
Que é, no mundo, o seu tesouro!



M tempos que já lá vão, havia um príncipe, que, não tendo bom coração, se divertia indo á caça. Uma manhã, andando, como de costume, á procura de avezinhas para matar, viu, sobre o ramo duma velha carvalheira, uma rôla que, com o seu terno arrulhar, entretinha os seus filhinhos.

O príncipe desfechou a arma contra a avezinha, que caiu morta a seus pés. Como se um poder divino se manifestasse, desencadeou-se uma enorme trovoadade, entre dois relâmpagos, o príncipe viu, com assombro, descer uma linda fada que lhe falou assim:

Para castigo da tua maldade, e para proteger as pobres avezinhas que ficaram sem mãe, ficas, desde já, transformado em rôla, indo substituir no ninho a ave que mataste. Só perderás o encanto quando receberes um beijo duma pessoa boa. Imediatamente desapareceu e, com ela, a tempestade. Dali em diante o príncipe passava os dias procurando alimento para as rolinhas, aquecendo-as e tratando delas como se fôra a própria mãe.

Vivia numa aldeia próxima, um camponês que fazia queijos com o leite das ovelhinhas que Joana, sua filha, tôdas as tardes levava a pastar. Numa dessas tardes, indo Joana com as ovelhinhas, como fizesse grande calor, procurou a sombra duma enorme carvalheira e foi sentar-se numa pedra; pondo de lado a cestinha da merenda dispunha-se a pastorinha a bordar um lencinho que queria oferecer a sua madrinha, quando, sôbre a sua cabeça, ouviu o triste arrulhar



duma rôla. Como era muito amiga dos passarinhos, apressou-se Joa-ninha a tirar do farnel uns miolinhos de pão que espalhou pelo chão, onde a rolinha os veio buscar, logo fugindo receosa.

Daí por diante, resolveu a menina vir tôdas as tardes, sentar-se debaixo daquela carvalheira, chamando a rolinha e dando-lhe de comer. Certo dia, já a rolinha vinha comer na sua própria mão, ouviu uma grande algazarra; eram uns garotos que se aproximavam e diziam entusiasmados,

Vamos aos ninhos! Vamos aos ninhos!...

Ouvindo isto, a menina chamou-os e disse-lhes:

Vocês, que são pequeninos e bons, para que querem fazer mal ás avezinhas que só sabem cantar?

—Venham brincar, que eu repartirei convosco a minha merenda. Olharam-na com ternura, agradecendo os queijinhos que ela lhes



## UM PIMPÃO

Por CARLOS CARVALHO

Série C



dera, e afastaram-se, combinando nova brincadeira. A rolinha, vendo a bondade da menina, veio pousar-lhe nas mãos. A Joa-ninha ficou muito contente, fêz muitas festas á avezinha e cobriu-a de beijos. Qual não foi, então, o seu espanto, vendo a rolinha escapar-se-lhe das mãos e transformar-se num formoso príncipe, que lhe disse:

—A tua bondade tirou-me do encanto em que eu vivia!

Contou-lhe, então, a razão porque estivera encantado, terminando á sua narrativa com estas palavras:

—Fui mau mas estou deveras arrependido, e prometo nunca mais fazer mal aos passarinhos. Nunca me esquecerei de que vos devo a felicidade.

JÚLIO AVELAR AGUIAR

■■■■ F I M ■■■■

## 2.º CONCURSO DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

PREMIADA INDEVIDAMENTE

Tendo sido a poesia «Pregões de Lisboa» que, por inadvertência, publicámos no nosso número passado e à qual atribuímos o prémio da Série A, literalmente copiada do Livro de Leitura para a 3.ª classe, fica sem efeito a distinção conferido á menina que a subscreveu e que, assim, praticou um grave delito, por certo inconscientemente, devido á sua pouca idade.

Chamamos para êste caso a atenção de seus papás ou encarregados da sua educação, que tal facto por certo ignoraram, para que lhe façam ver a importância de tão feio procedimento.

O gentil Rúcas Moreira  
Valente, treteiro, ousado,  
E' muito bem apanhado,  
Tem cantiga de primeira.

Só quatro anos, não mais;  
Mas com o pai, com mestria,  
Já faz alta acrobacia,  
Dando até saltos mortais.

Joga bem o football,  
Em que dá shoots sem par;  
E põe-se sempre a cantar  
Se consegue meter goal.

Fazendo da bola, bala,  
Lançou, uma vez, ao chão;  
Uns soldados de cartão  
Que quási enchiam a sala.

Assim coberto de glória,  
Fez barulho atroadôr,  
Rufando forte um tambôr,  
P'ra celebrar a vitória.

Tem um triciclo de trúz,  
Em que gira no quintal;  
Que lhe ofertou, no Natal,  
O bom Menino Jesús.

Faz nêle mirabolâncias,  
E até num espaço pequeno,  
Num reduzido terreno,  
Percorre grandes distâncias.

(Continua na pag. 7)

# AS TRÊS

Por MARIA ALDA NE



M

ATILDE tinha doze anos. Vivia com sua mãe na modesta água-furtada dum grande prédio das Avenidas. Seu pai, chefe de repartição dum ministério, o seu único amparo e de sua mãe, morrera tendo ela apenas seis anos. E a felicidade, que nesses primeiros anos da sua infância, tanto lhe havia sorrído, foi substituída pelas mais cruciantes dificuldades.

Nascera no primeiro andar desse mesmo prédio onde ainda habitava, mas como a pobre mãe, que vivia exclusivamente dos trabalhos de costura de que antigas amigas a encarregavam, faltassem os recursos para pagar a renda dessa casa, mudaram para a água-furtada, cuja renda era, relativamente, pequena.

Aos sete anos, a instâncias duma amiga de sua mãe, proprietária dum dos melhores colégios da cidade, começou a frequentar esse colégio, onde se distinguiu pela sua aplicação ao estudo, comportamento e bondade, conseguindo, por isso, a simpatia de todas: professoras e condiscípulas. De todas... não é bem assim: Frequentava o mesmo colégio uma menina da sua idade, a Anita, que, a par de muitas e apreciáveis qualidades, tinha um grande defeito: era muito vaidosa; só permitia na

sua intimidade as condiscípulas que julgava ricas, votando ao maior desprezo aquelas que supunha pobres.

Residia essa menina no mesmo prédio onde residia Matilde, mas, não obstante essa curiosa coincidência, não convivia, apesar de todos os esforços que a boa Matilde empregava para despertar a seu favor a simpatia da pequena, nada mais conseguindo que um frio abaixar de cabeça, como restrição ao seu afável *«bom dia, menina Anita»*.

O colégio está em festa por motivo da distribuição de prêmios às alunas que maior aproveitamento obtiveram no piano.

Todas se apresentam com ricas e lindas *«toilettes»* excepto Matilde que veste o seu vestidinho de chita, muito pobrezinho embora muito engraçado.

Uma grande tristeza a invade, tão grande que não consegue reprimir as lágrimas; — é que ela, que tanto gostava de música, — convicta de que ainda poderia vir a ser uma grande artista! — não estuda essa disciplina porque a paga separadamente e os seus recursos não lhe chegam para isso. Essa grande tristeza que ela não consegue dominar nem dissimular, não significa desalento, pois tem a sua grande Fé a manter-lhe a energia e a asseverar-lhe que vencerá. O que a entristece, o que a faz sofrer, é o não saber quando será iniciado o seu grande sonho.

E' precisamente Anita a primeira a reparar nas lágrimas de Matilde. Dirige-se-lhe e pergunta-lhe:

— Porque chora, Matilde?

Matilde leva as mãos aos olhos e, muito confusa, pretendendo esconder as lágrimas, responde:

— Mas... eu não estou chorando!

Rodeada pelas outras pequenas que carinhosamente a interrogam, acaba por confessar:

— Estou, de facto, muito triste porque desejava aprender piano e não posso.

Então as pequenitas, num gesto de enternecida e bondosa solidariedade, após uma breve combinação, dirigem-se à Senhora

## III A desculpa



I — Chico, em vez de ir para a Escola; pouco amigo de estudar, troca os livros pela bola, vai para o campo jogar.



II — Todavia o seu papá, vendo-o a ler, ao pé da estante, muito convencido está de que ele é bom estudante.



III — Deixando-o em tal doce engano, dá-se por fim, esta cousa natural: — ao fim do ano, apanhar uma raposa!

# VIRTUDES

EVES DA GRAÇA MIRA

ra Directora, que perto se encontra conversando com outras senhoras, propondo a de mais idade, em nome de todas, que lhes fôsse permitido reduzir as suas lições de música, que eram duma hora a cada aluna, a cinquenta e cinco minutos, revertendo, a favor de Matilde, o resultado dessa redução.

Não oculta a Directora a sua comoção, em presença de tão formosa acção e pergunta:

— As meninas concordam com a proposta que, em nome de todas, me acaba de fazer a Emilia?

Tôdas responderam afirmativamente, excepto Anita que disse:

— Eu não cedo um só segundo do tempo das minhas lições. De resto, á Matilde não lhe deve fazer falta o estudo da música.

Tôdos os olhares se dirigem para a Directora. Esta, surpreendida, fixa com surpresa Anita, aguardando o seu arrependimento. Por fim, com severidade, a Directora responde: — A Matilde, menina Anita, não precisa da sua esmola. Aceitaria, sim, como delicada lembrança, o gentil oferecimento das suas condiscipulas que tiveram um linco gesto de bondosa solidariedade, a qual a menina rompeu e não soube compreender. — A Matilde hoje mesmo receberá a sua lição de música sem que as meninas sofram qualquer redução no tempo das suas lições. A menina Anita direi, simplesmente, que acaba de praticar uma acção muito feia! O seu procedimento não se harmonisa com os seus dotes de bondade que eu sei serem muitos, pois é impossível que não tenha um coração bem formado. As restantes meninas que me venham dar um beijo para que eu as beije também.

Então, Anita, num irreprimível impulso a que a sua alma, boa no fundo, a obriga, exclama: — Perdão, minha senhora, perdão!... E, aproximando-se de Matilde, beija-a eternecidamente e pede-lhe, também, perdão.

— Eu já sabia, Anita, (volve a Directora) — que, boa como é, reconsideraria e repararia a sua falta. E tanto assim que pensava fazer-lhe um pedido, que fôsse a Anitinha quem desse a primeira lição de música á Matilde.



E foi de facto Anita quem lhe ensinou os primeiros compassos de música.

Matilde, com grande aproveitamento, prosseguiu os seus estudos. Como não tem piano é em casa de Anita agora a sua melhor amiga, que ela estuda as lições. Aluna laureada do Conservatório, ainda a não abandonou a esperança de vir a ser uma grande pianista. Esperança bem fundamentada, porque tem obtido tôdos os anos os primeiros prémios.

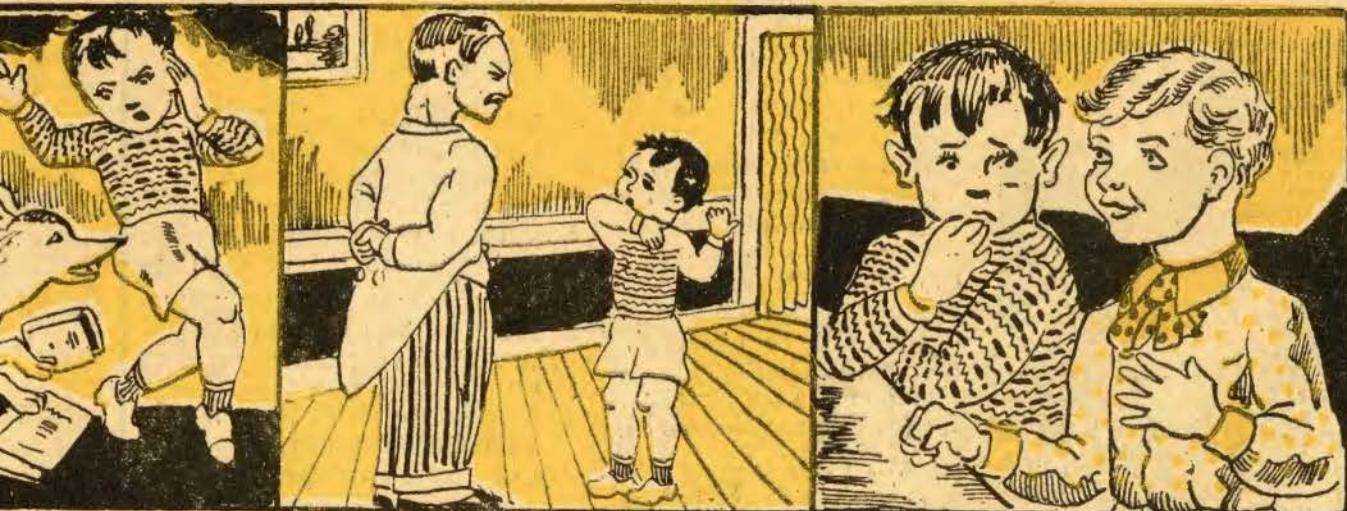
São decorridos alguns anos mais.

Matilde terminou o seu curso de piano no Estrangeiro subsidiada pelo Governo. De regresso á Pátria, o seu primeiro cuidado foi organizar um concerto público num dos melhores teatros de Lisboa, fazendo-se acompanhar por Anita que toca magistralmente violino.

E assim iniciou a sua carreira de grande artista, distribuindo, por vezes, a receita integral dos seus concertos por asilos e escolas e exercendo, dêste modo, a maior e a mais nobre das virtudes — A CARIDADE.

■■■■ F I M ■■■■

## do Chiquinho ■■■■



IV — O papá do Chico, então, diz-lhe, de veras pasmado :  
— «Chico, explica-me a razão porque fôste reprovado ?!»

V — «E' que, ao ser examinado, em voz alta eu respondi tudo que em voz baixa ouvi áquele que eu tinha ao lado.

VI — Sempre supuz que o «Manel» estivesse habilitado. Afinal, o reprovado devia ter sido êle !»

# O CASTIGO DA LILI VAIDOSA

Por MARIA ANTONIETA FAUSTINO FERNANDES

Desenhos de A. Castané

(da Serie B)

Lili salta de contente.  
Pois não foi lindo o presente  
Que a sua avózinha deu?  
Uma boneca tão loura  
Como os trigais que o Sol doura,  
E de olhos da côr do céu...

Vestidinha de setim,  
Os lábios côr de carmim,  
Poderia ser mais linda?  
Não, mais bela não havia.  
E a Lili, feliz, sorria  
Com satisfação infinda.

Pena foi que tal presente  
Não lhe trouxesse somente  
Prazer e satisfação;  
A Lili, que era bondosa,  
Fêz-se soberba e vaidosa,  
Toldou-se-lhe o coração.

Lili tinha uma amiguinha;  
A pequenina Rosinha,  
Com quem por vezes brincava;  
Rosinha era muito pobre,  
Mas tinha um coração nobre  
— Riqueza que Deus lhe dava...

Louca de satisfação,  
Com a boneca na mão,  
Lili a ela correu:  
— « Vem cá depressa, ó Rosita!  
Vê se há prenda mais bonita  
Do que esta que a avó me deu! »

Como que maravilhada,  
Rosinha olhava, enlevada,  
À boneca preciosa,



À qual ela não podia  
Ter nas mãos, porque a partia.  
Dizia a Lili vaidosa.

— « Não seja tão má, Lili!  
Deixe-me pegar-lhe, sim?  
Que a seguro com cuidado » —

— « Eu? Deixar que esta boneca  
Fôsse ao teu colo? Patéta...  
Isso seria engraçado!  
O seu vestido de sêda  
Junto ao teu, que é remendado! »

Tal falta de educação,  
Fêz bater de indignação  
O coração da Rosinha.  
E como se fôra ela  
Que a tivesse praticado,  
Correu a casa e, sózinha,  
Verteu lágrimas sentidas,  
No fatinho remendado...

Ora uma tarde, talvez  
Decorrido quási um mez,  
Sôbre a cêna aqui contada,  
Estava a boa Rosinha  
Fitando outra bonequinha  
No seu côlo aconchegada.

Nisto, a Lili que passava  
E que consigo levava  
Também a linda boneca,  
Aproximou-se dizendo:  
— « O que tens feito, Rosinha?  
Ah! Já tens uma boneca?  
E' tão linda como a minha? »

E esta, que já esquecera  
A afronta que recebera,  
Respondeu-lhe sorridente:  
— « Não, tão bela como a sua  
Ela não é, certamente,  
Mas tenho-lhe mais amor,  
Pois fê-la a minha mãizinha;  
Por isso esta bonequinha  
Tem p'ra mim maior valor » —

— « O que estás tu a dizer?  
Falas por não poder ter  
Também uma assim, igual,  
São tão pobres os teus pais!  
Ora vê lá: pois não vale  
Esta, minha, muito mais? » —

E enquanto ela assim falava,  
Lili, ao ar levantava  
A boneca nos seus braços,  
Mas, tendo-a mal amparada,  
Vi-a, nisto, esmigalhada  
E desfeita em mil pedaços!

Assim foi bem castigada  
A vaidade exagerada  
Da orgulhosa Lili,  
Enquanto a meiga Rosita,  
Tem ainda a bonequita  
Que aperta de encontro a si.

■ FIM ■



# A LENDA DOS SEMEADORES

Por FRANCISCO VENTURA JUNIOR

(DA SÉRIE C)

Quando José e a linda Virgem Pura,  
Com seu Jesus tiveram que fugir  
De Belém, para que a negra desventura  
Não fôsse as suas almas atingir,

— (Pois que Herodes, ardendo em ira funda,  
Querendo o Deus-Menino exterminar,  
Mandara a sua soldadesca imunda,  
Tôdas as criancinhas degolar.) —

Passaram por uns certos camponeses  
Que andavam suas terras a semear,  
Enquanto, ao pé, iam pastando as rezes  
E cabras saltitavam sem cessar.

A um dos homens perguntou Maria,  
O que é que ali andavam semeando,  
— «Semeio trigo, que está belo o dia!...»  
Respondeu êle com sorriso brando.

Então a Virgem, num sorriso seu,  
Mais lindo que uma estrêla ou que uma flôr,  
Disse-lhe olhando o vasto azul do Céu:  
— «Pois que trigo te nasça, lavrador!»

A um outro que, também, trigo semeava,  
Igual pergunta a meiga Virgem fez,  
Mas com pesar, porque êle maltratava  
Uma possante e inofensiva rez.



Este, ouvindo a pergunta de Maria,  
Na mão brandindo um grande e forte pau,  
e com olhar onde só ódio havia,  
— «Semeio pedras!...» diz, num gesto mau.

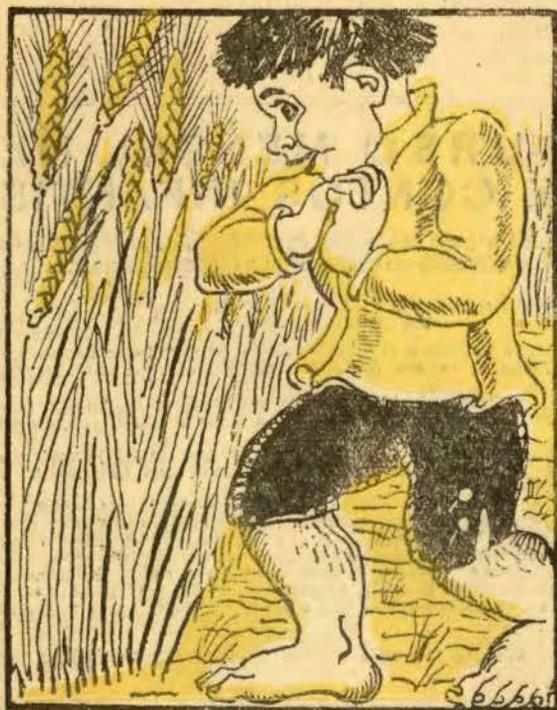
A Virgem cujo olhar entristeceu,  
Qual êrmo onde não brilha uma só flôr,  
Murmura, olhando o vasto azul do céu:  
— «Pois que pedras te nasçam, lavrador!»

No outro dia, porém, — (caso assombroso!) —  
O campo do que bem tinha falado,  
Era cheio de trigo tão viçoso,  
Que daria bom grão, quando ceifado.

E o que dissera que pedras semeava,  
Viu que o seu campo era desolador,  
Pois nêle só a rocha é que brotava  
Impenetrável e de negra côr.

Nunca mais nêsse campo entrou semente,  
Nunca mais qualquer fruto all se deu!  
Só lá havia ninhos de serpente  
E dêsses monstros que cruzam o Céu.

E já, lá longe, isto desconhecendo,  
Contra o peito apertando o Filho seu,  
Maria para o Egipto ia correndo,  
Fitando o vasto azul do lindo Céu!



F I M